

FEMININO NA BEIRA: UMA ANÁLISE DO CONTO "BARBA DE ARAME", DE ANTONIO CARLOS VIANA

MARIA CAROLINA BARCELLOS.

Resumo

O trabalho pretende demonstrar uma possibilidade do uso da literatura para suscitar questões que dizem respeito à exclusão social, focando principalmente a questão do gênero. A apresentação consistirá na leitura do texto, acompanhada de debate, dentro do limite previsto. "Barba de arame", do escritor Antonio Carlos Viana, foi escolhido por uma série de razões. Primeiramente, pelo fato de a narrativa breve poder ser trabalhada em seu todo, enquanto outros textos pedem dedicação e tempo maiores, para que a análise seja feita. Também por esse gênero textual ser negligenciado, não só por parte das editoras como também do leitor comum, como se tivesse menos valor do que as ficções mais extensas. O autor escolhido também está no rol das razões, pois sua obra já foi vetada da lista das indicações da Universidade Federal de Sergipe, por ser considerado impróprio para o público jovem. As informações que os contos contêm são fortes e por vezes violentas, mas não há nada de mais vulgar do que o que a mídia costuma veicular. O conto narra basicamente o desenrolar de como uma menina, que vive na beira de um mangue com sua mãe, começa a sofrer abuso sexual, sem ao menos entender o que está acontecendo. A violência não está apenas no aspecto físico, mas também na carência de linguagem e impossibilidade de combate. A situação que o conto retrata é algo que acontece todos os dias entre populações carentes, sobretudo com mulheres. A possibilidade de extrair um debate sobre a condição feminina de textos contemporâneos é pouco explorada, pois não existe uma política de difusão deles, assim como há um tabu em tratar dessas questões, pois elas são demasiado avessas ao que nossa sociedade quer definir como o "normal".

Palavras-chave:

Feminino, Linguagem, Exclusão.

INTRODUÇÃO

A ideia de fazer uma análise de uma obra literária como forma de trabalhar a leitura (sobretudo em sala de aula) não é original. A literatura sempre foi privilegiada no rol dos textos escolhidos para a leitura em grupo. A contribuição maior de um trabalho com este é a escolha do texto, que não se encontra entre os cânones e ainda possui um enredo propositalmente escolhido para suscitar as questões chamadas transversais: falar sobre a questão do gênero, o papel da mulher na sociedade e abordar a questão da exclusão social em todas as suas manifestações. Ironicamente, a primeira exclusão que ocorre é em relação aos textos contemporâneos, relegados ao esquecimento pelos mediadores de leitura. A literatura torna-se um objeto distante, anacrônico por vezes. É bem verdade que a boa literatura sempre toca nos anseios do homem, independentemente da época. Acontece que as abordagens e contextos modificam a maneira de ler determinado texto. O problema da mulher na sociedade hoje é muito diferente da situação de cem, duzentos anos atrás. Procurar manifestações atuais da representação e de como o feminino se comporta gera inquietações que os leitores podem não ter tido até o momento em que se identificam com as personagens. Estas, por sua vez, só podem emergir de uma ficção, pois a marginalidade das figuras aqui escolhidas é tanta que no mundo "real" essas pessoas não têm voz e sua subjetividade nunca seria o ponto de vista. A escolha do texto de um autor que não situa sua ficção necessariamente em um contexto urbano do sudeste do país também é importante,

pois demonstra que apesar da diminuição das fronteiras espaciais, por causa da tecnologia, ainda existe a ideia de margem no tocante à produção cultural de diversas regiões do país. É preciso que uma elite intelectual legitime essa literatura para que o leitor comum aceite consumir aquele tipo de texto.

POR QUE O CONTO?

Uma das razões da escolha do conto "Barba de arame" é o fato de este ser um conto, sobretudo um conto nos moldes da literatura contemporânea. Apesar de esta modalidade de obra literária não ser o preferido das editoras, os contos constituem a modalidade de ficção mais próxima às necessidades do leitor moderno. Antigamente, havia a hegemonia dos romances (ainda os preferidos pelas editoras de literatura), pois havia uma demanda de ficções extensas, que gerassem entretenimento. Não estamos aqui interessados em discutir a função da literatura, nem concordamos com o caráter alienante dos folhetins. É relevante, no entanto, saber o que faz com que determinadas obras sejam efetivamente lidas. E no fim do século XIX, os folhetins eram como as telenovelas de hoje. As obras tidas hoje como referência na história da literatura brasileira foram fonte de diversão da burguesia da época. Com a televisão, o cinema, a internet, a literatura ganhou rivais fortes. A profusão de estímulos audiovisuais e o aparecimento de outros tipos de arte (bem como de outras modalidades de textos verbais) gerou um desinteresse muito grande pela obra literária. Ela toma muito tempo, demanda esforço. O resultado é uma geração cujo vocabulário míngua e a quem escrita culta não interessa.

A tendência da escrita moderna é a de dispensar sempre o supérfluo, não estender o texto mais do que o necessário. As narrativas breves são o melhor exemplo dessa tendência aplicada à prosa. No conto, uma história é contada já a meio caminho de seu desfecho, toda a história das personagens é condensada. É preciso haver uma tensão que prenda o leitor; o escritor argentino Julio Cortázar compara o conto a uma fotografia, se considerarmos o romance como um filme. Então, pode-se perceber uma leitura que demanda menos tempo e muito mais atenção, pois é densa e totalmente pensada. Não é o mesmo que ler um capítulo de um livro. E em relação a outros textos, tem toda a 'mágica' da ficção, que não é própria da crônica, por exemplo.

Escolher especificamente o conto para trabalhar com um grupo é muito mais do que óbvio: um texto curto pode ser lido em sua totalidade, no ambiente de sala de aula/roda de leitura. Não se vai cair, por exemplo, na falácia dos resumos de obras clássicas, que se tornaram comuns. O texto poderá ser fruído e discutido no momento seguinte. Uma vez que esses textos realmente tenham força e acrescentem algo à vida dos leitores, eles mesmos irão em busca dos próximos.

Não é papel do mediador de leitura/professor hierarquizar os textos. Não se quer, aqui, defender a literatura como salvadora da cultura, ou como manifestação mais genuína da produção intelectual. A intenção não é comparar, mas apenas legitimar o texto literário como ainda importante na formação do leitor e oferecer os textos que não estão divulgados para o leitor comum. A literatura brasileira produzida não chega, em sua totalidade, a cair nas graças dos críticos, mesmo quando é de ótima qualidade. Ou então, como no caso de Antonio Carlos Viana, os críticos elogiam, mas só uma pequena comunidade intelectual sabe onde encontrar essa referência. Então cabe aos profissionais das letras cuidarem da divulgação da boa escrita, independentemente de sua data e região de origem.

BARBA DE ARAME

O conto "Barba de arame", do escritor Antonio Carlos Viana, foi escolhido por uma série de razões. O autor escolhido também está entre elas, pois um volume de sua obra ("O meio do mundo e outros contos) já foi vetado da lista das indicações da Universidade Federal de Sergipe, por ser considerado impróprio para o público jovem. As informações que os contos contêm são fortes e violentas, mas não existe nada de mais vulgar do que o que a mídia costuma veicular. O conto fala basicamente sobre uma menina que vive na beira de um mangue com sua mãe. Por isso o título do trabalho ser "Feminino na beira"; a beira do mangue é um local de margem física (de um rio ou da praia) e também marginalidade social.

Elas, as personagens, vivem na beira da sociedade, no limite do que se chamam de condições humanas. A personagem começa a sofrer abuso sexual, sem ao menos entender o que está acontecendo. A falta de linguagem é tanta que, no pensamento da criança, o homem que abusa dela é Jesus, pois ele é loiro e de cabelos longos, como a figura do calendário que há em sua casa. E ela se deixa ir espontaneamente com o estranho, porque ela promete que vai construir um banheiro para a menina. A violência não está apenas no aspecto físico, mas também na carência de conhecimento e impossibilidade de combate. A situação que o conto retrata é algo que acontece todos os dias entre populações carentes, sobretudo com mulheres. O desfecho do conto é o mais atordoante: depois de tanta violência, a narrativa mostra como a instituição que devia proteger acaba por aviltar ainda mais a figura feminina, pois o não entendimento faz com que um exame médico e uma violação sejam praticamente a mesma coisa, mostrando que a miséria eleva a condição de marginalidade ao seu máximo grau.

O FEMININO NA BEIRA

Ao analisar as representações femininas no conto de Antonio Carlos Viana, alguns aspectos sociais serão tomados dentro de uma dimensão de representação. Apesar de se tratar de uma narrativa curta, neste conto encontramos uma fonte enorme de questões que dizem respeito às relações de uma mulher que vive uma situação brutal: na infância é vítima de abuso sexual e ainda teme o julgamento da própria mãe. Além das questões naturais que envolvem os desejos, segundo teorias como a psicanálise, o ambiente em que acontece o enredo é totalmente destituído de uma "salvação" para a mulher.

No conto, há duas personagens femininas. A que sofreu os abusos e a mãe, que não pode exercer o papel de maternagem, pois não há uma outra figura que sustente a família. A negligência e a submissão feminina não são fruto da imaginação de autores; é, no entanto, através de uma ficção que podemos nos apropriar da subjetividade dessas personagens e observar mais profundamente como funcionariam relações tão delicadas como as que são aqui expostas. Não há uma figura masculina sequer no conto que não represente apenas uma instituição de poder, sem oferecer nenhum tipo de afeto ou vínculo positivo com as personagens. A mulher não tem um lugar confortável diante do universo masculino e permanece conformada, como se essa fosse a ordem natural da vida.

Em situações marginalizadas, em que a sobrevivência é mais urgente do que a busca por justiça, o problema do gênero acaba voltando à estaca-zero das conquistas que foram alcançadas no século passado. Apesar de isso parecer uma

subversão, pois a norma está num protótipo estruturado e 'sadio', não é raro que seja esse o paradigma de inúmeras famílias. As indagações que ficam após a observação dessas personagens são as mais variadas e servem de matéria-prima para debates que não seriam possíveis a partir de textos não literários.

Em "Barba de arame", surgem representações de um mundo muito próximo ao contexto social em que vivemos. Não só pela linguagem, mas pela falta de romantismo ao tratar de relações interpessoais. A história é dura e concisa e trata de questões que são tabus em diversos contextos sociais. Também não há um caráter educativo ou moralizante na trama. A estrutura da obra, porém, cria tensões que o leitor talvez não tenha tido em sua experiência cotidiana. A análise, feita no meio acadêmico, muitas vezes ressalta interpretações e identificações que o leitor não faria se estivesse diante daquela situação.

Todas as possibilidades da vida humana parecem se refazer na criação da obra literária, e a percepção sobre isso só aumenta o valor que apenas a fruição já fazia inestimável. Vislumbrar o horror que o homem pode causar em si mesmo é um exercício que todos os campos da epistemologia deveriam tentar experimentar antes de seguir cegamente os paradigmas de uma ciência dogmática e hermética, que não está vinculada diretamente com os efeitos disso no mundo prático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder e a exclusão sempre acontecem, de uma forma ou de outra. Ao utilizarmos uma narrativa que se situa em um contexto de miséria como é o de uma periferia do Brasil, deparamo-nos com figuras que, apesar de inventadas, possuem uma enorme verossimilhança em sua constituição. E podemos indagar qual a possibilidade de ação desse feminino dentro de um contexto tão desprovido de condições básicas e quais as possibilidades que são dadas a outras modalidades de feminilidade e não são aproveitadas.

Não se quer, contudo, que a leitura de textos literários se torne apenas pretexto para discussões de caráter sociológico. Essas questões são só algumas das que podem emergir da leitura, bem como quaisquer outras que nasçam da perplexidade do homem diante de sua própria imagem, refletida nesse espelho clarividente que é a arte. A literatura ora serve para fazer com que o homem vislumbre um mundo belo e ideal, ao qual podemos aspirar, ora nos incomoda com

questões inerentes ao homem, mas que machucam tanto a própria humanidade e os seres a ela subjugados.

O mais importante que se pode tirar de uma atividade cujo sentido é o de suscitar questões é admitir que elas não podem ser respondidas em definitivo. A leitura de textos, do mundo, não é uma atividade que atinja um momento de plenitude; as questões sobre a sociedade também não podem jamais ter uma conclusão final, pois isso desconsidera as diferenças que cada comunidade tem das outras. O feminino é, sim, uma questão que diz respeito a todos os povos, mas que deve ser tratado com muita cautela. A discussão e a abertura para novas leituras (não importa de que textos) abrem o pensamento para se aprender a relativizar a experiência em vez de se procurar verdades absolutas e maniqueístas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (236 p.)

NAHOUM, Jean Claude. **A construção da sexualidade feminina: A relação entre ideologias, ciências e práticas.** Rio de Janeiro: Eleá Ciência Editorial, 1989. (143 p.)

VIANA, Antonio Carlos. **Aberto está o inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (154 p.)